

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Os Pobres dos Ricos de Portugal

Publicado em 2026-06-22 11:59:45



BOX DE FACTOS

- Em 2024, segundo o INE, 15,4% das pessoas em Portugal estavam em risco de pobreza.
- A pobreza entre pessoas empregadas não desapareceu: o INE indicou 8,6% de risco de pobreza na população empregada em 2024.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- O Tribunal de Contas assinalou, em sede de Conta Geral do Estado, saldos acumulados muito negativos associados aos apoios públicos ao sector financeiro desde a crise financeira de 2007/2008.
- A questão central não é apenas económica: é moral, política e civilizacional.

Os Pobres dos Ricos de Portugal

Portugal tem sido severo com a pobreza dos pobres e maternal com a pobreza moral dos ricos. Aos pequenos exige virtude, paciência e recibos; aos grandes oferece garantias, regimes especiais e linguagem técnica para perfumar o desastre.

Há em Portugal uma velha superstição política que atravessa governos, maiorias absolutas, coligações, promessas eleitorais e programas de reforma com títulos pomposos: a ideia de que o pobre deve justificar a sua pobreza, enquanto o rico apenas precisa de explicar tecnicamente a sua falência.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

medicamentos, aparece logo a palavra “sustentabilidade”, essa campanha moral que toca sempre no bolso dos mais frágeis.

Mas quando bancos falham, grandes grupos económicos tropeçam nas próprias engenharias, administrações acumulam erros e gestores saem pela porta lateral com currículo intacto, o vocabulário muda. Já não há preguiça, dependência ou irresponsabilidade. Há “risco sistémico”, “estabilidade financeira”, “capitalização contingente”, “garantias públicas” e outras expressões higiénicas inventadas para lavar a roupa suja da elite no orçamento de todos.

A pobreza como culpa

Portugal trata demasiadas vezes a pobreza como defeito de carácter. O pobre não se esforçou. O pobre não estudou. O pobre teve filhos a mais. O pobre habituou-se aos apoios. O pobre não quer trabalhar. A pobreza, nesta caricatura miserável, deixa de ser resultado de estruturas económicas, salários baixos, rendas proibitivas, desigualdade territorial, precariedade e serviços públicos degradados. Passa a ser uma espécie de pecado administrativo.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

pouco, pedir menos e não levantar muito a voz, não vá a decência social perturbar o calendário das reuniões.

Mas os números, esses pequenos mal-educados, estragam a narrativa. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, em 2024, 15,4% das pessoas em Portugal estavam em risco de pobreza. E mesmo entre quem trabalha, a pobreza não desapareceu: a população empregada registava ainda risco de pobreza. Isto significa uma coisa simples e terrível: em Portugal, trabalhar já não garante escapar à pobreza.

E quando uma sociedade chega a esse ponto, o problema já não pode ser reduzido à moral privada dos pobres. É o próprio contrato social que começa a apodrecer pelos cantos.

A falência dos poderosos como acidente técnico

Aos ricos influentes, pelo contrário, Portugal concede uma impressionante latitude interpretativa. Quando corre bem, o sucesso é privado, meritório, visionário, empreendedor. Quando corre mal, a factura torna-se pública, estratégica, inevitável e nacionalmente responsável.

É uma forma muito portuguesa de socialismo para prejuízos e capitalismo para dividendos. O lucro sobe em

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

anos, o peso dos apoios públicos ao sector financeiro desde a crise financeira internacional. Mesmo quando há recuperações parciais, o saldo acumulado dos apoios permanece fortemente negativo para o Estado. Mas raramente se fala destes números com a mesma severidade moral aplicada a quem recebe uma prestação social mínima.

Ao pobre pergunta-se se merece. Ao banco pergunta-se se ameaça o sistema. Ao trabalhador exige-se produtividade. Ao gestor falhado concede-se contexto. Ao reformado recomenda-se contenção. Ao grande devedor oferece-se reestruturação.

A diferença não é apenas económica. É quase litúrgica. O pobre ajoelha perante o formulário. O rico senta-se à mesa com o decisor.

O país das duas responsabilidades

Portugal não sofre apenas de desigualdade de rendimentos. Sofre de desigualdade de julgamento. Quanto mais baixo se está na escala social, maior é a exigência moral. Quanto mais alto se está, maior é a compreensão técnica.

O pequeno comerciante que falha uma contribuição é perseguido. A família que recebe apoio é fiscalizada. O

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

evapora antes de chegar ao chão.

Aos pobres exige-se que saibam viver com pouco. Aos ricos permite-se que errem com muito.

E depois ainda há quem se espante com a revolta social, com o ressentimento, com a desconfiança nas instituições, com o afastamento dos cidadãos da política. Como se as pessoas não vissem. Como se não percebessem que há dois países dentro do mesmo território: o país da senha, da fila e da humilhação; e o país do gabinete, da chamada directa e do “vamos encontrar uma solução”.

Os pobres que trabalham

A maior acusação contra o discurso oficial é a existência dos pobres que trabalham. Pessoas que acordam cedo, cumprem horários, fazem contas, pagam impostos, descontam, educam filhos, cuidam de pais, suportam transportes degradados, rendas absurdas e salários que chegam ao fim do mês como quem chega a uma ponte partida.

Estes portugueses não cabem na caricatura do malandro. São trabalhadores, mas continuam vulneráveis. São responsáveis, mas continuam sem segurança. São produtivos, mas continuam sem futuro. São a prova viva de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Chamar preguiça a isto não é análise. É crueldade com gravata.

A pobreza moral dos ricos

Há também uma pobreza dos ricos de Portugal. Não a pobreza material, evidentemente. Essa fica para os outros, para os que contam cêntimos e esperam por consultas. Falo da pobreza moral: falta de vergonha, falta de sentido público, falta de responsabilidade, falta de memória e falta de pudor.

Uma elite que beneficia de apoios públicos, infra-estruturas públicas, estabilidade pública, educação pública, justiça pública e garantias públicas, mas depois despreza quem precisa do Estado para sobreviver com dignidade, não é uma elite. É uma clientela bem vestida.

O problema de Portugal não é ter ricos. Um país precisa de criação de riqueza, investimento, risco empresarial, inovação, indústria, ciência aplicada, tecnologia, exportações e ambição. O problema é outro: é ter demasiada riqueza protegida, demasiada proximidade ao poder, demasiados privilégios discretos e demasiada facilidade em transformar fracassos privados em encargos colectivos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Um Estado severo para baixo e dócil para cima

O Estado português tem demasiadas vezes esta geometria moral: é vertical e rígido quando olha para baixo; é flexível e compreensivo quando olha para cima.

Para baixo, há regras. Para cima, há soluções. Para baixo, há cortes. Para cima, há instrumentos. Para baixo, há culpa. Para cima, há conjuntura. Para baixo, há moralismo. Para cima, há complexidade.

Este duplo critério destrói a confiança democrática. Porque os cidadãos não pedem perfeição ao Estado. Isso seria pedir a um ministério que funcionasse como um relógio suíço, ambição claramente subversiva. Pedem, no mínimo, coerência. Pedem que a responsabilidade não seja uma carga exclusiva dos pequenos. Pedem que quem mais pode mais responda. Pedem que o risco privado não apareça sempre com chapéu público quando o vento muda.

A decência como programa político

Portugal precisa de uma política social que não humilhe. De uma economia que não transforme salários baixos em

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

perante os poderes fortes.

Combater a pobreza não é caridade. É inteligência nacional. Um país com milhões de pessoas vulneráveis desperdiça talento, saúde, educação, criatividade, produtividade e futuro. A pobreza não sai barata. Apenas é paga mais tarde, em doença, abandono escolar, insegurança, ressentimento, baixa qualificação, emigração e desconfiança nas instituições.

E a desigualdade não é apenas uma estatística. É uma erosão lenta da vida comum. Quando uns vivem sempre protegidos e outros vivem sempre expostos, a democracia torna-se uma fachada iluminada por fora e vazia por dentro.

Epílogo: o país que se desculpa aos fortes

A grande pergunta portuguesa não é se há dinheiro para combater a pobreza. A pergunta verdadeira é outra:

Como é que um país que encontrou milhares de milhões para acudir a desastres financeiros continua a dizer aos pobres que não há verba para lhes devolver dignidade?

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Um país onde a pobreza dos pobres se vê no bolso.

E a pobreza dos ricos se vê na alma.

Referências e enquadramento documental

- **Instituto Nacional de Estatística — Inquérito às Condições de Vida e Rendimento:** dados sobre risco de pobreza em Portugal em 2024.
[Consultar publicação do INE](#)
- **Pordata — Índice de Gini em Portugal:** evolução da desigualdade na distribuição dos rendimentos.
[Consultar dados da Pordata](#)
- **Eurostat — In-work at-risk-of-poverty rate:** enquadramento europeu sobre pobreza entre pessoas que trabalham.
[Consultar indicador Eurostat](#)
- **Tribunal de Contas — Parecer sobre a Conta Geral do Estado de 2021:** análise dos apoios

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Conta Geral do Estado de 2023 e referencia ao saldo
acumulado dos apoios ao sector financeiro.

[Consultar publicação no Diário da República](#)

Crónica de Francisco Gonçalves

Fragmentos do Caos — onde a lucidez ainda tenta incomodar
a mobília mental do país.

Cronica com co-autoria Editorial de **Augustus Veritas**.

Nota Editorial

A pobreza, hoje tal como no regime anterior, sempre foi
um estigma social e uma sentença invisível. O pobre é
tolerado enquanto for discreto, agradecido e silencioso.
Quando protesta, transforma-se logo em ingrato;
quando pede justiça, chamam-lhe dependente; quando
exige dignidade, acusam-no de inveja.

Mudaram os discursos, mudaram as bandeiras,
mudou a decoração institucional, mas permaneceu a
mesma suspeita lançada sobre quem tem pouco: como
se a pobreza fosse falha moral, incapacidade pessoal ou

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Em ambos os casos, raramente se pergunta que país produz pobreza, que economia a conserva e que elites dela beneficiam. Portugal mudou de regime, mas não perdeu completamente o velho hábito de culpar os frágeis pela arquitectura que os esmagou.

Leitura Aconselhada

Wilhelm Reich — *Escuta, Zé Ninguém!*

Uma leitura essencial para compreender como o cidadão comum, tantas vezes esmagado pelo poder, acaba por participar na sua própria submissão: cala-se perante os fortes, desconfia dos livres, obedece aos medíocres e entrega poder àqueles que depois o reduzem a figurante.

Na leitura de Reich, o “Zé Ninguém” não é apenas a vítima da tirania; é também, muitas vezes, o seu cúmplice psicológico. E é precisamente aí que começa a morte silenciosa das democracias: quando o povo deixa de exigir liberdade e passa a pedir apenas tutela, ordem e uma mentira confortável.



Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)